

Reconhecimento, mediação e aprendizagem – desafios de vida¹

Ana Sofia Pereira Rodrigues Educadora Social, Técnica TCA/UCP

Resumo

O presente texto procura evidenciar a ligação entre a mediação pedagógica como prática de reconhecimento intersubjectivo e a promoção da aprendizagem ao longo da vida (ALV). Para o efeito, recorremos a uma história muito particular, tentando mostrar que o processo de aprendizagem corresponde a um desafio de vida. Aprendizagem e vida entrelaçam-se num processo apoiado pela intervenção de um técnico habilitado para a actividade de mediação pedagógica, neste caso uma Educadora Social. O exemplo apresentado constitui testemunho vivo do que chamamos um «Itinerário TCA», pretendendo assim ilustrar a dinâmica educativa promovida no âmbito do projecto comunitário «Trofa Comunidade de Aprendentes» (TCA).

Introdução

O espírito de uma comunidade de cidadãos organizada no sentido de garantir oportunidades de ALV a todas as pessoas de um dado território, conforme é ambição do TCA, reflecte-se numa multiplicidade de espaços e tempos, dentro de instituições, fora delas, através de uma relação que aproxima técnicos, mediadores, formadores, voluntários e aprendentes. A história de aprendizagem em referência desenvolve-se neste contexto, numa comunidade de cidadãos de

¹ O texto apresentado dá testemunho de uma reflexão inserida numa investigação em curso, intitulada «Reconhecimento e Qualificação – desafios de vida», elaborada sob a orientação da Doutora Isabel Baptista no âmbito do Mestrado de Pedagogia Social.

todas as idades unidos em torno do ideal de aprendizagem permanente. O modelo de actuação adoptado neste projecto assume um cariz humanista onde as práticas de mediação interpessoal ganham uma importância fundamental, conforme sublinha Joaquim Azevedo ao afirmar que «num projecto centrado sobre a aprendizagem, um bem a que todos os cidadãos devem ter acesso a ao longo de toda a sua vida, a mediação é uma acção decisiva, quer como instrumento de democratização do acesso e do usufruto deste bem, quer como trampolim para abrir novas oportunidades de cooperação entre instituições e pessoas do município» (TCA, Caderno Pedagógico, 2005).

Da nossa parte, e exercendo as funções de Educadora Social na qualidade de técnica TCA, este desafio tem sido vivido numa lógica de entrega profissional simultaneamente «intrometida e comprometida» (Pais, 2005), escutando e acolhendo verdades de outras pessoas mas sem deixar de apontar caminhos, procurando assim responder às expectativas das pessoas que nos procuram em busca de apoio para o seu processo de formação. Enquanto educadores somos «condutores de sentido», sujeitos empenhados numa relação intencional, planificada e axiologicamente configurada (Baptista, 2005).

São estes os princípios que guiam a nossa investigação e a nossa prática pedagógica, concretamente no acompanhamento dos «Itinerários TCA».

Dinâmicas de reconhecimento interpessoal – O Atendimento TCA

«A aprendizagem é um acto eminentemente pessoal, mas que carece de apoio e orientação» (TCA, Caderno Pedagógico, 2005). Os serviços de atendimento TCA tentam responder a esta necessidade, caracterizando-se por ser espaços e tempos de acolhimento, «portas abertas» para quem procura orientação, informação, apoio e aconselhamento. Para acolher e receber, dando o devido encaminhamento no itinerário de formação, é necessário possuir competências de carácter técnico-profissional que habilitem a pessoa que acolhe – o mediador de aprendizagem – para a prática de uma escuta atenta, interessada e comprometida. Os caminhos propostos têm em conta a história de cada pessoa, o «balanço de competências adquiridas ao longo da vida» que fazemos em

conjunto e a oferta formativa existente na comunidade, mas tudo isto sempre no respeito pelas vontades das próprias pessoas. «Sem a adesão motivada das pessoas – dos aprendentes – não é possível falar em mediação de aprendizagem» (TCA, Caderno Pedagógico, 2005). Só assim é possível comprometer e responsabilizar o aprendente.

Com estas preocupações, a tese que pretendemos fundamentar no âmbito da nossa dissertação de mestrado nasceu da necessidade de aprofundar uma constatação empírica feita em sucessivas sessões de mediação pedagógica – a de que como suporte à motivação e mobilização das pessoas para a aprendizagem na e com a vida está uma prática de reconhecimento humano. A história relatada neste texto pretende ser um exemplo disso. As pessoas sentem que são alguém para alguém e nisso reside a verdadeira experiência intersubjectiva (Baptista, 2005). Aquele que recebe a pessoa que vem em procura de ajuda e orientação tem que estar preparado para a arte de relação humana, para entender e perceber as expectativas, as necessidades e os interesses manifestados. Para ajudar a identificar problemas, necessidades e soluções. Este trabalho passa às vezes por gestos de empatia ou por uma certa forma de olhar, mas sem esquecer a intenção pedagógica. As palavras de cortesia que são pronunciadas neste contexto nunca são simples palavras de cortesia, ainda que sejam expressão de uma atitude de empatia e proximidade.

O mais difícil acontece quando a situação que nos é apresentada parece muito desesperada e sem saída imediata. E, de acordo com a orientação que recebemos dos responsáveis pela gestão pedagógica do projecto, ninguém pode ficar sem resposta. Surgem então aqui os «problemas e dilemas éticos» inerentes à nossa decisão técnica. Lembrando os princípios éticos da mediação pedagógica defendidos por Isabel Baptista, o reconhecimento da perfectibilidade de todos os seres humanos leva-nos a olhar cada pessoa com um olhar positivo, encarando as dificuldades à sua educabilidade como desafios profissionais e nunca como justificação para comportamentos de desistência ou negligência. Precisamos de paciência, sensibilidade ética, distância crítica, espírito de renúncia e humildade no compromisso (2006).

As histórias que nos são contadas nas sessões de atendimento são autênticas histórias de vida, carregadas de muito sofrimento, dramas e esperanças. Muitas vezes as pessoas nem sabem dizer bem o que querem. Cabe a nós técnicos

ajudá-las a identificar os males, e os bens, tentando encontrar esteios onde se possam apoiar. Na maior parte dos casos, estes esteios estão directamente ligados à formação e educação mas às vezes é necessário encaminhar as pessoas para outro tipo de serviços, explicando-lhes pacientemente que talvez não sejamos as melhores pessoas para ajudar naquela situação. Recorremos então à intervenção de outros técnicos. Uma prática muito facilitada na comunidade TCA já que estamos em rede, em ligação estreita, com outros colegas, mediadores, voluntários, formadores e instituições. O que ajuda muito no processo de diálogo e encaminhamento das pessoas, como se pode constatar no itinerário aqui relatado.

Um «Itinerário TCA», inquietações e desafios de uma vida

O testemunho em causa diz respeito a um «itinerário TCA», referindo assim o percurso pessoal de aprendizagem desenvolvido no seio da dinâmica TCA e tendo em conta o movimento apoiado por todas as suas redes e serviços. Neste caso, o itinerário TCA começa num atendimento inicial, passa pela frequência de cursos de formação, terminando numa prática de voluntariado em que a aprendente se transforma em formadora, alguém capaz de tomar a palavra em público e de se apresentar aos outros como detentor de um saber próprio.

Dada a natureza muito pessoal do drama humano envolvido nesta história, optamos por ocultar o nome verdadeiro usando um nome fictício (Mariana), salvaguardando assim o anonimato, apesar da pessoa em causa ter dado o devido consentimento para o estudo em referência, concretamente para a transcrição de segmentos do seu discurso.

Para melhor ilustrar o «circuito TCA», as referências às diferentes dimensões/portas do projecto surgem neste texto identificadas a sublinhado.

No dia 18 de Janeiro de 2006 a senhora Mariana, 34 anos, mãe de dois filhos menores, casada desde há 15 anos e residente numa freguesia rural do município dirigir-se ao Centro de Emprego local (instituição com chancela TCA), procurando informações sobre possíveis cursos de formação profissionais na



expectativa de que isso pudesse vir a alterar a sua situação de emprego. Face ao drama relatado e à especificidade do problema em causa, a técnica do IEF responsável por este atendimento (mediadora voluntária), recomendou que se dirigisse a uma unidade de atendimento TCA, explicando que talvez aí encontrasse resposta.

Foi, pois, nestas circunstâncias que a D. Mariana chegou até nós, ao «Atendimento TCA», assegurado por membros da rede de técnicos TCA. Não demorou muito a entrar em detalhes sobre a sua vida e sobre a doença que a afligia nesse momento, afectando todo o seu equilíbrio familiar. A doença a que se referia era um cancro da mama, ainda em processo de tratamento e que a deixou com 70% de incapacidade num braço. Esta situação obrigou-a a abandonar as funções de costureira numa fábrica de confecção, a única profissão que tinha exercido até essa data.

O que procurava? O que a tinha trazido até à nossa porta?

Vim porque já não aguentava mais estar em casa. Procurava algo que mudasse pelo menos um momento da angústia de não poder trabalhar, de não poder pegar nos meus filhos, de não poder ser a mulher, a mãe, a filha, a irmã que fui até a desgraça bater-me à porta...

Neste primeiro contacto explicámos, a devido tempo, como funciona a dinâmica TCA, oferecendo a oportunidade de aprender com outras pessoas e ver as suas aprendizagens certificadas numa Caderneta Pessoal, tendo-lhe sido avançadas algumas sugestões. Mas o aspecto mais importante registado nesta sessão foi o comportamento da D. Mariana, salientando a sua mudança de disposição durante o atendimento que terminou com a sua adesão formal à comunidade TCA na qualidade de aprendente.

Não sei como dei por mim a falar da minha doença, da minha angústia, da minha infelicidade, dos meus filhos, da minha mãe e do meu marido. Fez-me bem. Só o falar e achar que estava a ser ouvida despertou algo de diferente em mim.

Como estamos numa lógica de trabalho sócio-educativo em rede, o processo pedagógico não ficou circunscrito à relação aprendente-mediador, tendo desde logo sido discutido o caso em equipa pedagógica e, em conjunto, sido pensada uma acção concertada com outros mediadores e formadores. Assim, numa

sessão posterior, e dando início a um «plano de acompanhamento pessoal», a D. Mariana escolheu frequentar um curso de Informática, nível 1. Acabou por frequentar mais outros dois curso de formação numa linha de aprofundamento, cada curso correspondendo a vinte horas, tendo, portanto, sido completadas sessenta horas de formação. De registar que, nas três acções de formação, a D. Mariana foi eleita pelos colegas delegada de grupo, facto que muito ajudou na consolidação da sua auto-estima e motivação para aprender mais. Durante este período, as sessões de atendimento continuaram, sempre numa perspectiva de acompanhamento do processo pessoal numa lógica de Educação Social que conta com a supervisão permanente da equipa de pedagógica social da Universidade Católica Portuguesa. O processo da D. Mariana foi num certo dia bruscamente interrompido por um «grito de socorro», feito num momento de desespero e de atentado à saúde pessoal que, graças à acção em rede, acabou por ser devidamente superado com a ajuda técnicos de outra área profissional.

Como prova da maior confiança em si mesma e na sua vida, a D. Mariana passou a integrar a rede de voluntários TCA, envolvendo-se activamente no apoio a diversas iniciativas. Por exemplo, começou por aparecer nas sessões do Fórum TCA apenas como participante, mas acabou por ser responsável pelas mesas de certificação. Passou a desenvolver também uma prática de mediação TCA, ainda que em regime de voluntariado, aconselhando outras pessoas a persistir, a procurar outros caminhos.

Não podemos fazer aqui um relato exaustivo deste itinerário de vida e de aprendizagem, mas atesta-se uma evolução muito positiva. A D. Mariana mudou a atitude face à vida, a relação com os mais próximos, sobretudo os familiares, aumentou a qualificação profissional e desenvolveu novas competências. Parafraseando Isabel Baptista, podemos dizer que ela desenvolveu «competências subjectivas e relacionais, revelando uma progressiva aptidão para ser autora, actora e narradora da sua história de vida. Mostrando a coragem para arriscar a exposição pública, ousar dar a cara, assumir uma causa e abraçar um projecto, recusando render-se à fatalidade de um destino (Baptista, 2007). Facto bem ilustrado na sua presença, e na sua intervenção, na primeira Assembleia TCA (6 Dezembro 2006) perante um público vasto e muito diversificado. No dia seguinte (7 de Dezembro 2006) participou na qualidade de formadora/animadora na sessão da tertúlia «Desafios da Vida», promovida na Escola EB2/3 de S. Romão

do Coronado, mais concretamente no Centro de Aprendizagem sediado nesta instituição e denominado Casa de Aprender, partilhando a mesa da sessão com uma enfermeira, uma professora e uma educadora social.

Esta experiência da tertúlia foi uma experiência única porque pude partilhar a minha história e as pessoas que ouviam também falaram da experiência delas e discutiu-se. Devia-se fazer-se disto mais vezes e falar de outros problemas que os pais passam. Nunca pensei que se pudesse fazer uma coisa daquelas numa escola.

O «itinerário TCA» da D. Mariana permitiu a sua inserção na comunidade e o seu reconhecimento como aprendente, mediadora e formadora TCA. Acreditamos que este itinerário se encontra aberto a muitas outras possibilidades, constituindo um testemunho de aprendizagem e uma lição de esperança para todos nós. Hoje a D. Mariana trabalha em casa com recurso a um computador oferecido por alguém da comunidade, tendo já visto as suas competências aumentadas, reconhecidas e certificadas. Mas desde o início, este sempre presente um outro tipo reconhecimento – o da pessoa enquanto pessoa.

Considerações finais

Desejamos terminar este testemunho de reflexão sobre mediação, aprendizagem e reconhecimento humano com uma palavra de reconhecimento às pessoas que têm acompanhado, com muita paciência e sabedoria, o nosso próprio itinerário TCA, Isabel Baptista e Joaquim Azevedo. Tal como os outros aprendentes da comunidade TCA, nós, os técnicos de pedagogia social da UCP, também não estamos sozinhos, temos sempre por perto alguém que nos incita a ir mais longe e a desenvolver o nosso projecto pessoal num permanente desafio de vida.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Joaquim, 2005. TCA. Caderno Pedagógico. Porto

BAPTISTA, Isabel, 2005. Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético. Profedições. Porto.

BAPTISTA, Isabel, 2006. «Problemas e Dilemas Éticos da Intervenção Sócio-educativa» In Intervenção Social, Saberes e Contextos. Paula Frassinetti. Porto.

BAPTISTA, Isabel, 2007. «Vidas quês e contam» In Página da Educação. Profedições. Porto

DELORS, Jacques. 1996. Educação um Tesouro a Descobrir. ASA. Porto

QUINTANA CABANAS, José Maria. 1988. Pedagogia Social. Dickinson. Madrid

P AIS, José Machado. 2005. «Nos rastros da solidão». Ambar. Porto